

Povo desenvolvido é povo limpo¹: o controle do corpo do jovem rural através dos clubes 4S, SC (1970-1985)²

Claiton Marcio da Silva³

Resumo

Este artigo visa enfocar como o discurso da Extensão Rural procurou, ao longo do processo de formação de novos jovens rurais, aplicar os conhecimentos técnicos oferecidos pelos clubes 4-S no próprio corpo deste jovem e em sua propriedade. Como exemplo, procuro citar a preocupação com a higiene e produção de uma horta familiar.

Palavras-chave: Corpo, higiene, modernização.

Introdução

“A Juventude Rural é semente
É a promessa que vamos cumprir,
Vamos todos em paz, vamos dar a mão,
Pois nós plantamos o progresso da nação,
Vamos todos em paz, sob o céu de anil,
Pois nós queremos a grandeza do Brasil!!!”⁴

Lembro-me vagamente que no ano de 1983 (então com cinco anos de idade) minha professora do pré-escolar contou-nos a história de um menino, e isto atraiu a minha atenção. Tratava-se do Sugismundo, personagem criado pela AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas – 1968-1973)⁵, órgão da Presidência da República responsável pela propagação durante parte do regime militar. Através deste menino, discutia-se sobre os padrões de higiene aceitáveis. Naquele dia, em minha escola, Sugismundo ganhou um nome (desculpem, mas não me lembro qual) para se tornar mais “real”, e para mim, ganhou vida. Aquele garoto excluído por todos por sua falta de higiene, contava-se, recebeu uma toalha e um sabonete para banhar-se. Assim sendo, todos o abraçaram após o banho. Enfim, Sugismundo foi aceito pelo grupo. Mas, como é sabido, higiene não foi assunto tratado apenas no meu jardim de infância...

Objetivo, neste artigo, discutir como o discurso da Extensão Rural (no caso catarinense através da ACARESC- Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina) visou a aplicação dos conhecimentos técnicos oferecidos pelos clubes 4-S no próprio corpo deste jovem e em sua propriedade. Para isto, utilizo como exemplo a preocupação com a higiene do jovem agricultor e produção de uma horta familiar.

Extensão Rural e Clubes 4-S

Durante as décadas onde o processo de modernização da agricultura foi mais intenso (entre 1960 e 1980), os olhares da Extensão Rural⁶ também se dirigiram aos jovens rurais. Estes jovens foram caracterizados enquanto a “semente” capaz de auxiliar na construção da grandeza da agricultura brasileira e, por conseqüência, a grandeza do Brasil. Mas além de ser a semente, o jovem também se tornou sujeito deste processo: “*nós plantamos o progresso da Nação*”, conforme a epígrafe. Estes jovens passaram a ser assistidos cada vez mais pela Extensão Rural, pois necessitaram capacitar-se para bem responder ao processo de modernização que a agricultura adentrara. Segundo a justificativa do discurso extensionista, os jovens encontravam-se em situação desfavorável:

Embora considerando o quadro sombrio da situação da juventude rural, os extensionistas estão convencidos de que o programa de Clubes 4-S muito poderá fazer em benefício da mesma, especialmente se outros serviços responsáveis quiserem cooperar nesta obra (ABCAR, 1959, p. 7).

O espaço encontrado para o trabalho com juventude dentro da Extensão Rural foram os Clubes 4-S. Estes clubes estiveram presentes em todas as regiões do estado de Santa Catarina (e em muitas do Brasil), pretendendo desenvolver atividades de agricultura, pecuária e educação para a saúde. Vários projetos foram desenvolvidos pelos grupos 4-S, divididos em Agropecuária, que envolvia o trabalho com milho, soja, gado leiteiro e suinocultura, além da educação alimentar e sanitária. Esta tinha por objetivo a produção de hortaliças,

de preparo “correto” dos alimentos e proteção à saúde dos agricultores através de práticas de higiene pessoal, da casa e dos arredores.

Os Clubes 4-S estiveram inseridos nas estratégias de modernização da produção agrícola brasileira⁸(GONÇALVES NETO, 1997), e tiveram seu auge em Santa Catarina na década de 1970, através da ACARESC. Chapecó e a região oeste de Santa Catarina concentraram as atenções deste programa ao longo da década de 1970, quando os programas governamentais procuraram criar a “vocação” da região para a agricultura.⁹

A sigla 4-S significa “**Saber, Sentir, Servir e Saúde**”, ou seja, conforme o juramento prestado pelos jovens que fizeram parte destes clubes, estas palavras adquirem a seguinte tonalidade:

Minha cabeça para SABER claramente
Meu coração para SENTIR maior lealdade
Minhas mãos para SERVIR mais e melhor
Minha SAÚDE para uma vida mais sã
Com meu 4-S, meu lar, minha comunidade
e minha Pátria (ACARESC, 1997).

Estes Clubes são filhos adotivos da ACARESC - empresa responsável pela implantação e desenvolvimento dos trabalhos de Extensão Rural no estado - e sua matriz é norte-americana (os Clubes 4-H's), e assim como a Extensão Rural pretendeu servir como um elo de ligação entre o conhecimento científico e sua aplicação na agricultura “arcaica”.

O início dos trabalhos com Extensão Rural no Brasil datam de 1948, através da *American International Association for Social Development* (A.I.A.), de Nelson Rockefeller. Mais tarde surgiu a

Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), em 1956, enquanto entidade nacional para uniformizar os trabalhos extensionistas. Já a ACARESC, também fundada em 1956¹¹, surgiu em meio a um tempo em que as discussões envolviam um dualismo entre campo e cidade, entre “arcaico” versus “moderno”. O meio rural foi identificado enquanto o lugar responsável pelo atraso do desenvolvimento nacional, sendo que a questão relativa ao subdesenvolvimento do país encontrava-se nos obstáculos que o Brasil agrário impunha ao Brasil do progresso (LOHN, 1997). Visando uma definição para os novos caminhos a serem percorridos pela indústria nacional, as discussões sobre a agricultura brasileira giravam em torno da necessidade de profundas alterações no meio rural, pois, sem que houvesse um rompimento com a estrutura “arcaica” do campo, não poderia ser aprofundada a industrialização da sociedade brasileira. Lohn(1997) escreve que o Serviço de Extensão Rural surge em Santa Catarina em 1956, durante o governo Inineu Bornhausen,

tendo a pretensão de levar a ‘modernização’ através de tecnologia e insumos industriais para agricultores que tivessem condições de fazer empréstimos em bancos, selecionando os mais aptos para os novos tempos do capitalismo em expansão na agricultura (p. 17-18).

O discurso da Extensão Rural procurou superar o que considerou atrasado, colocando em seu lugar um “novo” produtor rural, através de mudanças culturais possibilitadas pela tecnologia(LOHN, 1997). Enfim, a ACARESC procurou construir um novo jovem rural para o campo catarinense e os Clubes 4-S constituiu-se enquanto uma das estratégias utilizadas.

Povo desenvolvido é povo limpo

A necessidade de um jovem limpo, organizado e saudável, ou seja, este processo de higienização do agricultor, está ligada ao projeto quatroessista em práticas que pretendem normatizar hábitos e controlar o corpo dos jovens agricultores. Uma agricultura “nova” e produtiva preconizada a partir do final da década de 1950 começa pelo próprio sujeito, pelo próprio agricultor. O extensionismo em Santa Catarina “passou a atuar junto aos agricultores de modo a prepara-los e condiciona-los à disciplina do trabalho em moldes capitalistas, intervindo em suas condutas” (LOHN, 1997, p.14). Afinal, a higiene ao redor da casa e da propriedade não basta. É preciso interferir direto no sujeito neste projeto de modernização do espaço rural.

Durante os anos de 1977 e 1978, principalmente, a imprensa chapecoense foi bombardeada por artigos relacionados à higiene e saúde do agricultor. Os jornais possuíam espaços destinados exclusivamente a notícias dirigidas para homens e mulheres do campo. Embora muitos dos artigos não fossem diretamente produzidos para os jovens, eram formulados e lidos pelos próprios jovens em suas reuniões.¹⁶ Neste período, mais do que em qualquer outro momento, a higiene tornou-se assunto importante para os quatroessistas.

A preocupação com a disciplina orientou o discurso dirigido aos jovens quatroessistas (que também podem ser chamados de Sócios 4-S ou Sócios quatroessistas). Para Foucault (1987), a disciplina é a técnica de controle do indivíduo, que tanto lhe acrescenta forças (pelo adestramento que aumenta a eficácia do gesto, do corpo e a produtividade do

trabalho) como lhe tira estas forças (pela sujeição, docilidade, pela obediência que exige e que efetivamente produz). Esta disciplina objetiva tornar os corpos “dóceis”. Neste sentido, este poder fabrica sujeitos, pois “é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1987, p.153). A disciplina, portanto, é diferente da escravidão ou da domesticidade, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos, ou ainda em uma relação de dominação ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão.

A formação de novos agricultores deu-se através da ordem, disciplina e métodos definidos de trabalho pois, segundo foi descrito pela ACARESC(1997), estes princípios acompanharam a formação dos extensionistas²⁰. Mas é importante também ressaltar que essa ordenação e rigidez presente na formação dos técnicos se estenderia aos trabalhos empreendidos com os agricultores catarinenses. No período que compreendeu a década de 60 em Santa Catarina,

o governo do Estado e as entidades de representação dos grandes produtores rurais passaram a produzir uma série de discursos nos quais evidencia-se que a difusão de técnicas agrícolas modernas através da Extensão Rural, seria um mecanismo eficaz para alterar as condições de produção, adequando-as à modernização e elaborando discursivamente um agricultor sob controle, adestrando e disciplinando um ‘novo’ homem(LOHN, 1997, p. 9-10).

Foi preciso utilizar-se de várias estratégias para trazer o agricultor para perto dos trabalhos da Extensão Rural. E uma valiosa estratégia constituiu-se em pensar os 4-S enquanto um

espaço educativo, onde o jovem poderia obter conhecimentos legítimos diferenciados de seus pais. Os Clubes 4-S e seus Extensionistas são mais ou menos aquilo que o Plano Diretor de Extensão Rural chama de “orientadores mais competentes”:

Persiste, todavia, a situação de que os pais pressionados pela necessidade de afazeres do campo e do lar afastam seus filhos dos bancos escolares agravando a situação do baixo nível de escolaridade. As oportunidades educativas para a juventude rural são reduzidas (ESTADO DE SANTA CATARINA, 1970, p. 72)²².

O discurso extensionista procura desqualificar o saber costumeiro, assim como a agricultura não-mecanizada, auto-sustentada, que representa um entrave à educação dos jovens agricultores, pois os pais necessitam de sua força de trabalho na produção. O Estado mostra-se cada vez mais preocupado em oferecer uma educação com vistas à modernidade técnica e tecnológica, e se utiliza de várias estratégias para obter a “tutela” dos jovens rurais, através da ACARESC.

A “tutela” sobre a formação “correta” do jovem rural não pertence mais à família ou à educação tradicional da escola, mas à Extensão Rural (“orientadores competentes”) que, com seu discurso, articulado a uma forma de conhecimento científico, procura legitimar-se como a instituição capaz de levar o conhecimento necessário ao jovem produtor do campo.

A imprensa constituiu-se em outra estratégia interessante para propagação do discurso da Extensão Rural no Oeste catarinense. A partir do momento em que um jovem de uma comunidade produzia um texto para qualquer página destinada ao agricultor, a leitura deste texto pelos companheiros quatroessistas tornava-se importante. Além disso, a própria

ACARESC produzia textos com vistas à mudança de hábitos, normatização de condutas, à implementação de outras formas de trabalho. Por isso, procurarei discutir sobre o material que foi destinado ao processo educativo dos agricultores, especialmente quando relacionado aos jovens rurais.

Certa vez, o Escritório Regional da ACARESC, localizado em Chapecó, publicou uma matéria informativa sobre pediculose. Procurarei discuti-la, e, quem sabe, poderemos aprender um pouco mais sobre o assunto: "O piolho se transmite, passando de cabeça à cabeça, (daí ser mais fácil de ser transmitido nas escolas), e em condições favoráveis os ovos germinam numa semana e os piolhos ficam adultos em duas semanas"²⁴. Primeiramente, é necessário que o jovem não utilize sua cabeça apenas para transmitir piolhos. A cabeça do jovem deve ser utilizada para o conhecimento, ou de acordo com a própria sigla do 4-S, para Saber. Saber o que é pediculose, onde age, em que condições etc. Portanto, tem caráter educativo, e é um saber que obedece aos objetivos dos 4-S. Outra história é como combater os piolhos. Combate-se os piolhos através do:

Asseio corporal, com o uso de Neocid, água quente e muito sabão, da seguinte forma; pulverizar Neocid nos cabelos, depois cobrir os cabelos com uma toalha ou gorro, por várias horas, pentear o cabelo com pente fino e depois lavar a cabeça com água quente e sabão. [...] MANTENHA RIGOROSO CONTROLE DA PEDICULOSE (piolhos) tomando banho diariamente e troque com frequência as roupas de uso pessoal e de cama.²⁵

O asseio corporal é sinônimo de higiene, tecla repetida no discurso da ACARESC. Os cuidados para a saúde come-

çam no próprio corpo do agricultor, e é aí que o discurso pretende agir. É orientando para o que se deve fazer e como se deve fazer: manter-se limpo, tomar banho diariamente, trocar a roupa, cuidar do que se veste e até de onde se dorme (roupas de cama). A orientação se dá a fim de normatizar os hábitos a serem seguidos pelos jovens. É mais que isso: é pedir auxílio às tecnologias, aos produtos modernos, tais como Neocid, um inseticida (veneno) para pequenos insetos que teve seu uso bastante difundido no combate à pediculose. Deve-se evitar a pediculose, mas se não for evitada, a tecnologia está aí para auxiliar. O discurso procurou, em todo momento, impor regras de exame de si mesmo aos jovens agricultores (FOUCAULT, 1988).

Mas a proteção do corpo do agricultor não se dá apenas no banho. É preciso cuidar da propriedade, evitar que ela seja lugar propício para as moscas, que podem trazer algum mal à saúde. “Após ter-se abastecido na sujeira, ela (a mosca) voa para dentro de casa. Pousa nos alimentos, no bico e na mamadeira do neném, na louça e nas pessoas, e não esquece de doar aquilo que tem: doenças”²⁷. O roteiro é parecido com o trecho citado anteriormente, pois tem um caráter educativo, pretende mostrar que a mosca age no cotidiano do agricultor. E a moral da história é que alguns hábitos devem ser mudados: “Use as seguintes armas: higiene, limpeza, acabe com o lixo, queime-o, enterre-o, conserve as latas de lixo fechadas, a porta da privada também”²⁸. Posso dizer que há, em todo momento, um “como fazer” orientando as ações dos agricultores. No discurso, é preciso que todos sigam as regras estabelecidas para não haver mais moscas, pediculose etc. E mais: “Guarde bem os alimentos, cubra-os pois.... A SAÚDE É O MAIOR BEM

QUE POSSUÍMOS. Estamos entendidos?"²⁹ Parece-me um tanto óbvio, mas não posso deixar de apontar que um agricultor sem saúde não trabalha. Estamos entendidos?

A preocupação com a higiene, e por conseqüência, a saúde do agricultor, remete a uma questão importante: são saberes sistemáticos que procuram interferir num sujeito que está se constituindo. Em outras palavras, a utilização de Neocid, a construção de privadas, fossas sépticas, latas de lixo, remetem aos saberes sistemáticos que adentram na vida de um agricultor (jovem) que deve ser higiênico, ser saudável e construir seu espaço de forma limpa. Estes saberes fazem parte do processo de constituição de novos sujeitos.

A Horta Familiar “Racional” e a Saúde do Agricultor

O Jornal Oestão, em seu curto tempo de existência, destinou um espaço à ACARESC, onde esta instituição propagava seu discurso. Um assunto interessante tratado naquele jornal, e em outros periódicos, foi sobre a horta. A horta, segundo os entrevistados, tinha uma importância relativamente pequena antes da chegada da Extensão Rural, pois era o espaço onde se cultivava o tempero, a salsa, cebolinha, tomate comum, almeirão (radicci, para os entrevistados), ou seja, o complemento da alimentação diária.

Procurei saber qual era o tratamento dado a esta horta antes dos trabalhos desenvolvidos com os Clubes 4-S. Um entrevistado me respondeu o seguinte: “Ah, antes plantava, deixava, dava uma capinada e deixava ali a Deus-dará. Se dava, se podia colher, colhia, senão[...]”³⁰ Parece-me, segundo o entrevistado, que se não fosse produzido na horta, não haveria

tanta importância. O espaço, geralmente próximo à casa, servia para o plantio e consumo próprio, e como falei anteriormente, para o complemento de uma alimentação “pesada”, capaz de sustentar o agricultor para seu trabalho diário. Não havia, segundo os entrevistados, uma preocupação de cultivar técnica e racionalmente este espaço, até meados da década de 1970. Não havia, pelo menos, uma preocupação mais sistemática. Outro jovem do Clube 4-S da Comunidade de Sede Figueira, Milton Sgarbossa, líder do Clube no início da década de oitenta, fala do tratamento dado à horta já se utilizando de técnicas adotadas pelos jovens participantes do programa sob orientação dos extensionistas da ACARESC:

[...] plantava só um tipo, era só radiche, alface, essas coisa ali, tomate vinha esses comum aí que tu jogava a semente vinha igual. Daí na época, eu lembro, um pouco que daí fazia os canteiro, já ia prá Chapecó (na sede do município) e comprava tela, fazia, né, o quadradinho, os canteiro, daí puxava prá cima fazia de tábuas, né, prá poder deixar bem caprichado, daí adubava, precisava, daí começou a aparecer outros tipos de verdura que o cara nem sabia que, que existia, né, na época³¹.

Através do trabalho com Clubes 4-S, a construção de hortas foi incentivada, com saberes sistemáticos. Educar e racionalizar as atividades do jovem, sem perder de vista o agricultor adulto, foi uma estratégia de ação utilizada pela ACARESC. Conforme o engenheiro agrônomo Eros Marion Mussoi, chegar aos pais através dos jovens também era um dos objetivos dos clubes 4-S: “seja através das pessoas ‘adultas’, seja através de uma nova geração de agricultores, os clubes 4-S sempre foram considerados uma forma de chegar aos agricultores adultos através dos jovens”³²(MUSSOI, 1998, p. 216). O jovem

poderia ser um elo de ligação entre o saber sistemático e seus pais, considerados mais resistentes à mudança, segundo o discurso da instituição. Por isso a necessidade de envolver a família também nos Clubes 4-S:

Que eu lembro que na época lá, daí o pai veio nas reuniões também. Daí ele já começou, né, daí tinha verdura meio à vontade, né. Eu sei que as, as primeiras vez, tinha um paiolzinho lá na roça, era ali do lado, tu olhava aqueles radiche 'duri'(almeirão duro), era só aqueles e deu, né. Tinha salada, (apenas) era aquilo. E tomate, plantava aqueles tomatinho comum, né, que aquele dá em qualquer lugarzinho, no meio do inço (erva daninha), no meio da capoeira vem embora, né. E outros tipos não tinha.³³

A figura do pai carrega, em muitas comunidades, o poder de decisão sobre determinadas culturas a serem produzidas. Para a ACARESC, o jovem era uma importante instância para difundir o conhecimento técnico, porém não se constituiu enquanto a única forma. Daí a necessidade de envolver a família como um todo. Faz-se necessário dizer que em Chapecó e na região oeste surgiram vários Clubes de Mães de Jovens 4-S, onde eram desenvolvidas atividades, como por exemplo, de costura e de culinária.

Em determinado momento, mais precisamente na segunda metade da década de 1970, na região oeste, houve um cuidado maior com a alimentação do agricultor, uma importante fonte de saúde, e por esta razão a horta familiar passou a ser vista de outra forma. Os entrevistados evidenciaram que as sementes eram "arremessadas" sem a menor técnica dentro de um espaço de terra para produzir algum tipo de alimento. Então, com a chegada de um discurso que tratou de uma nova maneira a horta familiar, criou-se uma necessidade, e com ela

veio a curiosidade dos jovens agricultores: “Daí sempre me alembro dos pé de tomate, aqueles couve rabano, quantas vez que nós ia na horta roubar prá comer, porque era bom comer puro, chegar lá e vê aqueles canteiro bonito, né, comprido”³⁴. Os radiche (almeirão) no meio do inço (erva daninha) não eram cobiçados pelos jovens, mas por um tomate ou rabanete ou-sou-se “invadir” a horta. Os novos hábitos alimentares e as técnicas de produção utilizadas despertaram a curiosidade de muitos jovens em experimentar tais novidades. Daí talvez a prática de romper barreiras (a cerca da horta, neste exemplo) para saciar a curiosidade pelos novos produtos cultivados. As “apropriações” dos produtos cultivados na horta são uma prática no sentido de tática, afinal, o que esta ganha, não guarda. O que vale é o momento, a ocasião: deve-se tirar partido das forças que lhe são estranhas. Ele, o fraco, conforme De Certeau (1994, p. 46), o consegue “em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’”. Foi preciso muita astúcia para “invadir” a horta.

Também faz parte deste processo de constituição da “nova horta familiar” a própria ordenação do espaço. Já não basta que o canteiro seja um lugar cheio de falhas, onde as culturas estão misturadas entre si. É necessário haver a delimitação dos espaços para cada cultura, a racionalização daquilo que vai ser cultivado; muitas vezes o cercamento para evitar a depredação por parte dos animais domésticos (uma ave constitui-se num verdadeiro terror para uma horta), a capinagem, de modo a emparelhar e acabar com as ervas daninhas e as diferenças de nível do terreno. Enfim, é necessário

ordenar, racionalizar também este espaço de cultivo. Mas vale lembrar que a horta se constituiu num espaço feminino, afinal, é a mulher quem planta e colhe, é ela quem transforma estas verduras em alimento para a família (segundo o discurso extensionista). Nos trabalhos desenvolvidos pelos Clubes 4-S, o preparo e o cultivo da horta ficou a cargo das extensionistas sociais, que por sua vez, trabalhavam com as meninas.

Estou tentando demonstrar que se tornou necessária uma nova educação alimentar ao sujeito que estava sendo constituindo naquele processo, e por este motivo se fez importante produzir “hortaliças durante todos os períodos do ano” objetivando “modificar os hábitos alimentares das famílias rurais.”³⁶, conforme a orientação da ACARESC. É dentro desta nova educação alimentar que a horta entra como espaço de cultivo de parte da alimentação de um novo e saudável sujeito, um oposto ao Jeca Tatú, doente e preguiçoso. Daí a preocupação em desenvolver um projeto relacionado ao tema, no qual “o objetivo das Extensionistas da ACARESC no projeto de Educação Alimentar é orientar o consumo (por exemplo) da soja pelas famílias rurais, visto que na região (oeste de Santa Catarina) existe grande produção.”³⁷ A própria equipe da Extensão Rural desenvolveu os trabalhos, que envolvem diretamente não apenas o jovem, mas a mulher adulta: “[...] devido ao seu alto valor nutritivo na alimentação humana, estão sendo desenvolvidos treinamentos comunitários com as donas de casa, com a finalidade de incentivar e ensinar a fazer diversos pratos diferentes e nutritivos oriundos da soja.”³⁸ A horta, fazendo parte de uma “moderna educação alimentar”, fazia parte da constituição de um moderno agricultor.

Mas para a boa saúde do agricultor era necessário que a água fosse potável. Primeiro passo: “A água para tomar e usar em casa deve ser pura.” Correto? Óbvio. Bem, o segundo passo: “Para que seja pura devemos ter certos cuidados, como: construir o poço 15 metros longe da privada; longe do chiqueiro; num lugar mais alto que a privada e o chiqueiro; num lugar livre de enchentes; perto de casa;”³⁹ Manter a água longe da contaminação para garantir a saúde do agricultor pressupõe também a racionalização destes espaços.

Considerações finais

Procurei evidenciar ao longo deste artigo alguns saberes que trouxeram consigo uma forma de poder disciplinar, criados e propagados através do discurso da Extensão Rural. Os conhecimentos técnicos, numa perspectiva foucaultiana, disciplinam, normatizam, regulam, estabelecem práticas a serem seguidas pelos sujeitos que estão se constituindo. Enfim, o discurso procurou controlar o cotidiano do jovem, envolver a família, seja através da horta, dos conhecimentos sobre higiene, etc. Os conhecimentos técnicos impostos pelos clubes 4-S tinham como objetivo atingir o corpo do próprio agricultor. A higiene do corpo e da propriedade auxilia na manutenção de um agricultor sadio, capaz de produzir, e a horta familiar produz a alimentação recomendável a este agricultor.

Estes conhecimentos aplicados no corpo do jovem rural e em sua propriedade fazem parte do processo de modernização da agricultura empreendido pela Extensão Rural, que chegou ao Brasil após a Segunda Guerra mundial, “importada” dos Estados Unidos. A Extensão Rural (a ACARESC, no caso

catarinense) tornou-se uma espécie de agente do governo estadual para chegar até os agricultores mais distantes e propagar os “modernos” processos capitalistas de produção. E essa idéia de modernidade propagada pelo discurso extensionista trouxe consigo a necessidade de homogeneizar os hábitos e os usos que o jovem agricultor fazia da propriedade. Assim, para um agricultor se adaptar a um processo moderno de produção, este necessitava ter cuidados (controle) sobre sua propriedade e sobre si mesmo para produzir o necessário, não mais para a subsistência ou a produção em pequena escala, mas para demonstrar que o campo não é sinônimo de “atraso”, e sim, de “modernidade”.

Notas

1 Slogan desenvolvido pelas Assessorias de Relações Públicas do Governo Federal na década de 1970.

2 Versão modificada do segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Saber, Sentir, Servir e Saúde: a construção do novo jovem rural em Clubes 4-S, SC (1970-1985). Florianópolis: UFSC, 2002.

3 Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002).

4 Trecho do Hino da Juventude Rural, de Luiz Lacerda e Concessa Lacerda. Lançado em compacto, o lado “A” do disco trazia o Hino da Juventude Rural e no lado “B”, consta o Hino do MOBREAL. Não consta o ano da gravação. Este Hino foi criado pela Agência de Propaganda EMONÁ, e teve sua 1ª tiragem patrocinada pela Companhia Industrial e Comercial de Produtos Alimentares – NESTLÉ, através da Assistência NESTLÉ aos Produtores de Leite – ANPC, e pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo S.A. – BNCC.

5 Ver FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997. A sucessora da AERP é a ARP (Assessoria de Relações Públicas), que exerceu suas atividades entre 1974 e 1978.

6 A Extensão Rural surgiu nos Estados Unidos por volta de 1900, com o objetivo de introduzir outras técnicas e tecnologias aos agricultores. Está baseada no princípio de “aprender a fazer, fazendo” (learning by doing), pois visa o aumento da produção agrícola e a elevação da renda e nível de

vida do produtor rural, entre outros objetivos. Através da técnica, para os extensionistas, são possibilitadas as mudanças desejadas na maneira de produzir dos agricultores.

8 Considero este um dos caminhos para melhor visualizar os debates acadêmicos em relação à agricultura nos anos 60, 70 e 80 e suas formas de aplicação através dos planejamentos governamentais.

9 Exemplo da intervenção governamental com o oeste catarinense deu-se com o lançamento nacional do programa “plante que o governo garante”, em 1970.

11 O projeto de Extensão Rural surge com o nome de ETA-17, sendo denominado ACARESC somente em 1957.

16 MASSON, Ivanete. Comunicação pessoal, Chapecó, 06 de jun. 1999.

20 O extensionista constitui o principal elo de ligação entre discurso da ACARESC e sujeito, afinal, o extensionista foi o responsável para empregar o conhecimento técnico, os saberes sistemáticos junto aos jovens rurais.

22 Cito esta passagem: “Todavia, à medida que evolui o meio, há mudanças desta situação e os pais se apercebem da necessidade de confiar seus filhos a orientadores mais competentes, como forma de complementação indispensável à educação do lar.” (ESTADO DE SANTA CATARINA, 1970, p. 72).

24 O que é pediculose? **Jornal Correio do Sul**. Chapecó, 05 de jul 1978.

25 Idem.

27 SEIDEL, Clarisse Maria. **Jornal Correio do Sul**. Chapecó, 12 de nov. de 1977.

28 Ibidem.

29 Ibidem.

30 ZANELLA, José. Comunicação pessoal. Chapecó, 03 de mar. 2001.

31 SGARBOSSA, Milton. Comunicação pessoal, Chapecó, 03 mar. 2001.

32 Tradução minha

33 SGARBOSSA, comunicação pessoal, Chapecó, 2001.

34 Ibidem.

36 TREINAMENTOS visam modificar os hábitos alimentares das famílias rurais (município de São Carlos – SC). **Jornal Oestão**. Página da ACARESC. Chapecó, 15 de dez. 1978.

37 KIST, Dalva. A Soja “forte como a carne, mas custa muito menos”. **Jornal Oestão**. Página da ACARESC. Chapecó, 14 de set. 1978. (Extensionista Social da ACARESC de Quilombo).

38 Ibidem.

39 SUDBRACK, Enar Elaine. Importância da água para a nossa saúde. **Jornal Oestão**. Página da ACARESC. Chapecó, 14 de jun. 1978. (extensionista social de Xanxerê).

Entrevistas

MASSON, Ivanete. Chapecó, 06 de jun. 1999.

SGARBOSSA, Milton. Chapecó, 03 mar. 2001.

ZANELLA, José. Chapecó, 03 de mar. 2001.

Bibliografia

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESPÍRITO SANTO, Evelise. **A agricultura no estado de Santa Catarina**. Chapecó: Grifos, 1999.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil**. Política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980). São Paulo: HUCITEC, 1997.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do atraso, campos modernos**: discursos da extensão rural em Santa Catarina (1956-1975), 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 6.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987. 15^a ed.

MUSSOI, Eros Marion. **Integracion entre investigacion y extension agraria en un contexto de descentralizacion de desarrollo**: el caso de Santa Catarina/Brasil. (Tese de Doutorado) Universidad de Córdoba, Córdoba (Espanha), 1998. 216.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora de mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni & SCHMITT, Claude (org.). **História dos jovens: 2. A época contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PERELMUTTER, Daisy; ANTONACCI, Maria Antonieta (Orgs.). **Ética e história oral.** Projeto História. nº 15. São Paulo: Educ, 1997.

ABCAR. Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural. **Manual dos Clubes 4-S.** Série E-nº 1. Projeto nº 31. Rio de Janeiro: ETA; ABCAR, 1959.

ACARESC. Juramento dos jovens quatroessistas. In: **Relatório da II convenção inter-regional de Clubes 4-S.** Palmitos: ACARESC, 1977.

ACARESC. **Relatório da II convenção inter-regional de Clubes 4-S.** Palmitos: ACARESC, 1977.

ACARESC. **Extensão Rural: 25 anos com o pequeno agricultor.** Palmitos: ACARESC, 1982.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Plano Diretor de Extensão Rural.** 1970.

KIST, Dalva. A Soja 'forte como a carne, mas custa muito menos'. **Jornal Oestão.** Chapecó, 14 de set. 1978. Página da ACARESC.

JORNAL CORREIO DO SUA. **O que é pediculose?** Chapecó, 05 de jul 1978.

SUDBRACK, Enar Elaine. Importância da água para a nossa saúde. **Jornal Oestão.** Chapecó, 14 de jun. 1978. Página da ACARESC.

SEIDEL, Clarisse Maria. **Jornal Correio do Sul.** Chapecó, 12 de nov. de 1977.

JORNAL OESTÃO. Treinamentos visam modificar os hábitos alimentares das famílias rurais (município de São Carlos – SC). **Chapecó, 15 de dez. 1978. Página da ACARESC.**

Abstract

The article aims to focus on how the Rural Extension discourse, throughout the process of formation of the new rural youngs, tried to apply the technical knowledge offered by the 4-S Clubs to the youngs themselves and their property. As an example I quote the concern with hygiene and also the production of a familiar vegetable garden.

Key-words: Body, hygiene, modernization.

